

Definição e Mensuração das Atividades Turística na Perspectiva da Economia Regional

Carlos Águedo Paiva

I Seminário Observatório do
Turismo do Rio Grande do Sul

16/10/2014

Começando pelo Fim

- Para a Economia, é **turista** todo o agente que adquire bens e serviços ofertados num território “T” qualquer através do dispêndio de **recursos** auferidos em **outro** território.
- Para a Economia, as atividades turísticas **não** são definidas pela qualidade particular dos seus produtos, mas pela origem dos **recursos** mobilizados em sua aquisição.
- Espetáculos teatrais, serviços gastronômicos e pernoites em hotéis ou motéis podem ser adquiridos por agentes locais cujos recursos são auferidos no território, tanto quanto por visitantes OU DOMICILIADOS cujos recursos advém de atividades e/ou fontes externas.
- Para a Economia, estes serviços não são “intrinsecamente” turísticos. Eles serão serviços turísticos SE E SOMENTE SE os recursos mobilizados na sua aquisição tiverem origem externa.

Turismo e Economia (1)

- Muito provavelmente temos economistas presentes a esta exposição. E, muito provavelmente, alguns destes colegas de profissão estarão se perguntando se esta leitura expressa minha opinião particular, ou se eles deixaram de fazer alguma leitura obrigatória ou assistir alguma aula na faculdade.
- A dúvida é pertinente. Afinal, as definições apresentadas anteriormente são distintas das definições dadas pela Organização Mundial do Comércio, que orientam a contabilidade padrão ONU da contribuição econômica do Turismo. Ela também não corresponde rigorosamente (ainda que se aproxime mais) da contabilização proposta pelo Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC).

Turismo e Economia (2)

- Mas se a leitura apresentada anteriormente ainda não está consensuada na Economia, ela vem conquistando tamanha adesão entre os pares, e numa velocidade tão expressiva, que ousamos atribuir-lhe o estatuto de conceito.
- E isto porque ela é o desdobramento lógico-necessário dos princípios mais fundamentais (e mais consensuados) da Economia Regional contemporânea.
- Senão, vejamos.

Economia & Espaço (1)

- Desde seus primórdios, a Ciência Econômica tomou a **nação** como a referência territorial estruturante de seus modelos e reflexões. De Petty a Keynes, passando por Smith, Ricardo, List, Marx, o tema central da Economia era os determinantes, as circunscrições e as possibilidades de expansão da “Riqueza das Nações”
- Até (pelo menos) meados do século passado, os autores que se voltavam ao estudo das desigualdades regionais e seu enfrentamento assumiam que os modelos e sistemas teóricos desenvolvidos para pensar a **nação** podiam ser utilizados sem qualquer mediação para interpretar o desenvolvimento da **região**.

Economia & Espaço (2)

- Albert Hirschman e Douglass North, trabalhando de forma independente, denunciaram o equívoco deste pressuposto em meados dos anos 50.
- Hirschman chamou a atenção para a distinção dos determinantes da competitividade regional e nacional. As nações contam com instrumentos de alavancagem da competitividade da produção interna que estão ausentes nas regiões. Dentre todos estes instrumentos, a taxa de câmbio é, de longe, o mais importante.

Economia & Espaço (3)

- North parte da descoberta de Hirschman para afirmar que qualquer região é mais aberta a importações e exportações (das e para as demais regiões ou nações) e, por consequência, mais especializada na produção interna que qualquer nação de tamanho e capacidade produtiva similar.
- Pois ela só pode produzir dois tipos de bens e serviços: 1) aqueles em que apresenta vantagens absolutas e que são vendidos para outras regiões; 2) aqueles que ela não pode importar das demais regiões (pois não são transportáveis; não são *tradables*) e cujo mercado interno é suficientemente grande para comportar ofertantes locais.

Economia & Espaço (4)

- Há, contudo, um amplo conjunto de serviços que: 1) não são transportáveis; e 2) não podem ser produzidos e ofertados em qualquer território, seja porque eles pressupõem uma escala mínima elevada de demanda, seja porque eles são cultural e territorialmente idiossincráticos.
- O acesso a este AMPLO leque de serviços por parte de demandantes domiciliados em territórios onde eles NÃO são objeto de oferta pressupõe o deslocamento do demandante. Pressupõe o TURISMO no sentido econômico do termo.
- Antes de avançarmos sobre este ponto crucial, precisamos entender melhor a teoria do Desenvolvimento Regional de North.

Economia & Espaço (5)

- A ausência de barreiras regionais à entrada na dos bens tradables produzidos em outras partes do país tem, como contrapartida, a **ausência de barreiras à saída de produtos e produtores de uma região para outra**.
- Conseqüentemente (1), as regiões que não apresentam vantagem produtiva **absoluta** em qualquer produto ou serviço, tendem a ser abandonadas pelos domiciliados em especial pelos mais bem qualificados.
- Conseqüentemente (2), o mercado interno regional só pode existir como um REFLEXO daquela produção local que se destina a mercados e/ou demandantes externos à região.

Economia & Espaço (6)

- A distinção de North impôs o reconhecimento da centralidade do espaço para a modelagem e análise da dinâmica econômica
- Se tomamos a economia global por objeto, a exportação (X) e a importação (M) simplesmente não existem; só existem trocas “internas”.
- É só quando tomamos a nação por referência que emergem as “trocas com o exterior”. Mas estas variáveis são coadjuvantes. A dinâmica é explicada essencialmente pelo investimento, pelos gastos do governo e pelo consumo.
- Porém, quando nosso foco analítico é a região, X e M ganham protagonismo. Os investimentos, o consumo e os gastos do governo passam a ser coadjuvantes. Eles crescerão (ou decrescerão) em função do crescimento (ou não) da produção local voltada para o atendimento de demandas externas.

North & Keynes ou North X Keynes?

- Os Keynesianos (e seus discípulos cepalinos na América Latina: Prebisch, Furtado, Tavares, etc.) não receberam bem a leitura de North. Ela parecia fazer a apologia da especialização e da exportação (de bens primários, no caso de regiões periféricas!) em detrimento da diversificação, do investimento e do mercado interno.
- Mas esta crítica é equivocada. North jamais negou a centralidade da indústria e da produção **INTERNA** de bens de capital para o desenvolvimento da **NAÇÃO**. Apenas dizia que nem todas as regiões podem ter indústrias de bens de capital.
- E mesmo aquelas que as tem não **CRESCEM** quando as firmas produtoras de BK **INVESTEM**, mas quando produzem mais, atendendo demandas de outras regiões.
- Elas crescem quando **EXPORTAM**. E só investem se as exportações crescerem. Caxias e sua Ind. de Mat. Transp.

Atividades Propulsivas e Reflexas

- O sistema de North nos permite distinguir dois tipos de atividade econômica regional ou local
- 1) as atividades propulsivas são aquelas responsáveis pelo ingresso inicial (ou “básico”, como prefere North) de recursos monetários no território. São as atividades pelas quais as regiões se vinculam à nação
- 2) as atividades reflexas são aquelas que se voltam para o atendimento das demandas locais. Elas dependem do ingresso “básico” para emergirem. Mas ao emergirem, elas se retroalimentam, se multiplicam.
- Exemplo: Santa Cruz do Sul e o Tabaco

Atividade turística é toda a atividade propulsiva de tipo 2

- Há dois tipos de atividades propulsivas
- 1) atividades que geram bens tradables (transportáveis), que são “exportados” para fora da região
- 2) atividades que geram (bens e) serviços não tradables e não-ubíquos, pois a escala mínima eficiente é demasiado elevada para serem ofertados em espaços rurais e cidades de pequeno porte.
- No primeiro caso, a renda primária ingressa no território por depósitos bancários realizados pelo comprador. No segundo caso, é o próprio comprador que se dirige ao território para adquirir o (bem ou) serviço.

Santa Maria e Gramado

- São, ambas, igualmente dependentes do e igualmente movidas pelo “turismo”. O que as distingue é tão somente o tipo de demanda turística que elas atendem prioritariamente.
- O turismo de Gramado é do tipo “convencional”, o turismo que, usualmente, os turismólogos estudam e que se enraiza nas peculiaridades, nas características únicas do território.
- O turismo de Santa Maria é um turismo de serviços e negócios especializados (saúde, educação, comércio de bens não-ubíquos, assistência técnica, jurídica, comercial, etc.).

Triunfo, Santa Maria e Gramado

- Os municípios cuja propulsão está assentada em tradables, usualmente tem um PIB superior à renda. Triunfo é o caso extremo no RS: seu PIB corresponde a menos de 3% da renda disponível declarada.
- Os municípios cuja renda básica advém do deslocamento do usuário de seus serviços apresentam renda similar ou superior ao PIB. A renda em Santa Maria corresponde a 120% do PIB.

O Quociente Locacional (QL) e as atividades propulsivas

- O QL é uma medida de especialização. Ele é a razão de duas percentagens: a percentagem da atividade X na economia foco (município, região, etc.) dividida pela percentagem X na economia de referência (o Estado ou país).
- Exemplo:
- A percentagem dos ocupados na indústria calçadista em Novo Hamburgo é de 15% do total da população ocupada no município.
- A percentagem dos ocupados na indústria calçadista no RS é de 2,5%.
- O QL da indústria calçadista de Novo Hamburgo com relação ao RS é de $15\% / 2,5\% = 6$. Vale dizer: Novo Hamburgo é seis vezes mais dedicada à produção de calçados do que o RS.

QL e propulsão

- A região de referência para o cálculo do QL deve ser suficientemente grande e diversificada para permitir a manifestação da especialização que caracteriza a economia local/regional. Se, ao invés de tomarmos o RS por referência, tomássemos o Vale dos Sinos, o QL calçadista de NH seria muito menor.
- Mas a região de referência não deve ser tão grande e tão diversificada culturalmente a ponto de viesar o resultado pela introdução de agentes com níveis de renda e padrões de consumo muito distintos. Pois o QL só é uma boa medida de especialização E VENDA PARA O MERCADO EXTERNO quando o padrão de consumo no interior da região de referência apresenta uma distribuição de tipo normal.

Foz do Iguaçu (1)

- Estou concluindo um trabalho de pesquisa contratado pela Prefeitura de Foz do Iguaçu para avaliar a dimensão do turismo em sua economia.
- Ao calcular os QLs de todas as atividades econômicas do município registrada na RAIS-CNAE, me deparei com QLs excepcionalmente elevados em atividades tais como:
 - 1) instalação e manut de ar condicionado (3,2)
 - 2) serviços de cabeleireiro e manicure (2,2)
 - 3) serviços odontológicos (2,8)
 - 4) serviços de táxi urbano (1,9)

Foz do Iguaçu (2)

- Malgrado exceções (felizmente, bastante raras) QIs acima de 1,5 são um indício muito claro de que parte da demanda incidente sobre a atividade é externa ao território foco.
- É de bom alvitre confirmar esta hipótese com empresários e trabalhadores que atuam nas atividades.
- Segundo a maior parte dos motoristas de táxi que entrevistei (enquanto usufruía dos seus serviços), de 80% a 90% dos seus passageiros são turistas de lazer, compras ou negócios.
- Os prestadores de serviços odontológicos informaram que 60% de seus pacientes são paraguaios
- Os cabeleireiros informaram que 30% dos seus clientes são domiciliados em Ciudad del Este e aproximadamente 10% são turistas de passagem
- Empresários de firmas de instalação e manutenção de ar condicionado calculam que a hotelaria responda por, pelo menos, 70% da demanda.
- Excetuado o serviço de táxi urbano, as demais atividades não são contabilizados no padrão ONU.

Foz do Iguaçu e Santa Maria (1)

- QLS significativamente superiores à unidade revelam a incidência de demanda externa.
- A expressão desta demanda deve ser avaliada com pesquisa primária.
- Comprovada a incidência, a avaliação da expressão econômica do turismo pressupõe a atribuição do emprego extraordinário EM TODOS OS SETORES QUE APRESENTA QL ACIMA DA UNIDADE à conta do turismo.
- Ao fazermos isto, para Foz foi possível demonstrar que 50% da economia do município é mobilizada pelo Turismo.
- Apesar de distintas, as demandas turísticas são altamente solidárias. Como regra geral a expansão da demanda turística é função: 1) da qualificação e diversificação dos serviços e atrativos urbanos; 2) da expansão da renda primária dos demandantes de serviços especializados.

Foz do Iguaçu e Santa Maria (2)

- Ao identificar a importância da demanda paraguaia e oestina sobre os seus serviços, o CODEFOZ definiu um Plano de Desenvolvimento Econômico que contempla estas duas estratégias.
- O Corede Central demandou uma consultoria similar. Os resultados foram apresentados à comunidade civil e política da região, em reuniões realizadas em Santa Maria, Tupanciertã, Faxinal do Soturno e Itaara.
- Apontamos para a urgência da estruturação de estratégias integradas de apoio à agropecuária regional (fonte da renda primária e da demanda sobre os serviços de SM) e de um plano regional de turismo integrando os atrativos urbanos de SM e suburbanos da Quarta Colônia e Itaara.
- No último contato com lideranças do território, fui informado que a estratégia de desenvolvimento de SM está baseada na atração de indústrias de alta tecnologia, com ênfase no setor bélico. Como diz o Sr. Lerina: “Então, tá!”